

# ARES B

MAIO - 2007 - EDIÇÃO 97

## SISTEMAS DE MANEJO

**E**xistem alguns sistemas de manejo principais dependendo da finalidade que se quer da madeira.

Produção de madeira para processo – “Pulpwood”

O objetivo final deste tipo de manejo é obter madeira para processo, para fabricação de celulose ou de painéis de madeira reconstituída. Neste modelo o principal é conseguir o máximo de volume possível, sendo o diâmetro das árvores irrelevante. Outro aspecto a ser considerado é a minimização de intervenções na floresta, principalmente quanto à colheita, que é realizada apenas no final do ciclo na forma de corte raso. O plantio seria de 2.222 árvores por hectare, no espaçamento de 3,0 x 1,5 m e rotação de 15 anos até o corte final. A produtividade média obtida é de 30 m<sup>3</sup>/ha/ano, sempre considerando variações de espécie e sítio utilizados.

Produção de madeiras de qualidade – “Clearwood”

A diferença deste tipo de manejo é no objetivo final, onde se deseja obter a maior quantidade de madeira limpa possível, ou seja, sem nós. As árvores que serão utilizadas para este tipo de modelo são selecionadas tendo

em vista seu crescimento em diâmetro, a forma do fuste, reto e cilíndrico e por possuir ramos finos. Tendo estas características em mente, o espaçamento utilizado deve sempre evitar competição entre as árvores, sendo comumente adotado o 2,5 x 4,0 m ou 1.000 árvores por hectare.

Para obter o máximo de madeira limpa são realizadas podas, iniciando-se quando o fuste atinge cerca de 7 a 8 cm de diâmetro, de maneira sucessiva até atingir pelo menos 7,5 m e altura, e se possível 10 m de altura. O corte deve ser realizado rente ao fuste sem danificá-lo, por isso a importância na seleção do material escolher árvores de ramos finos, facilitando a poda.

O crescimento das árvores deve ser constantemente acompanhado e no momento em que o povoamento começar a diminuir seu crescimento em diâmetro, aproximadamente no oitavo ano, deve-se realizar o primeiro desbaste, destinando a madeira para processo ou energia.

Entre o 12° e 15° ano o segundo desbaste deve ser feito, reduzindo o povoamento para 250 árvores por hectare, aproximadamente. O corte raso é realizado entre o 20° e o 25° ano, o que depende de como está o mercado na época e o fluxo de caixa da empresa.

Para agregar valor à madeira deve-se sempre registrar as podas que foram realizadas, visto que visualmente as submetidas e as não submetidas às podas tem a mesma aparência, entretanto, na comercialização as árvores submetidas a esta operação têm valor agregado muito maior.

Produção resina-madeira – “Padrão”

A finalidade deste tipo de manejo é a produção de madeira e resina. Assim, na seleção de material deve-se levar em conta a alta produção de resina, boa produtividade de madeira e adequação ao meio ambiente do local de plantio. Também deve ser verifi-

cada a boa forma da árvore, galhada fina e saudável.

O espaçamento indicado é de 3,0 x 3,5 m, ou seja, aproximadamente 950 árvores por hectare. Esta distribuição propicia rápido crescimento inicial das árvores, de maneira a produzir resina aos 8 anos. A produção pode continuar até o 20° ou 25° ano, depois é realizado o corte raso.

Podem ser realizado um desbaste do 10° ao 12° ano e outro do 14° ao 16° ano, como opção para retirar as árvores dominadas ou de menor qualidade. Esta prática permite maior crescimento em diâmetro das demais árvores, aumentando assim a produção de resina, além de permitir a venda da árvore com maior valor no corte final.

Para facilitar a coleta de resina, valorizar a madeira e diminuir a ocorrência de fogo, devem ser feitas podas até pelo menos 5 m de altura.

\* Fonte: Kronka, F.J.N.  
“A Cultura do Pinus no Brasil”

## GARANTA SEU REDIMENTO MAIS RÁPIDO - II

A Pinus Brasil Agro-Florestal Ltda, com seus diretores, Henrique S. Fernandes e Ricardo D. Fernandes, há 34 anos no mercado de Pinus, apresenta para venda mudas de Híbrido de Pinus elliondurensis F2, registrado no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Vantagens: alta precocidade e corte final previsto para 12 anos (1mst/árvore.).

Tratamento	DAP (cm)	Altura (metros)	Vol. Individual m <sup>3</sup> /árvore	Vol. m <sup>3</sup> /ha	IMA m <sup>3</sup> /ha/ano	Diferença IMA (%)
Pinus híbrido	17,7a	10,4 a	0,1108	123,12 a	24,62 a	
Pinus elliotii	11,9 b	6,9 b	0,0328	36,47 b	7,29 b	237,7

Dados técnicos conforme experimento estatístico comparativo realizado na Fazenda São Bento-Buri/SP, Idade: 5 anos

Avaliação preliminar indica bom potencial para produção de goma resina  
Majores informações pelo telefone (15) 3546-1275 ou e-mail: pinusbrasil@ig.com.br

### INFORME:


A partir de 01 de junho de 2007, a ARESB não terá mais um Diretor Executivo, as atribuições delegadas a este Diretor, serão assumidas diretamente pelo Presidente da ARESB, o Eng Florestal Osvaldo de Souza Lima. Alegando motivos particulares, o Engº Ftal Eduardo M. Fagundes, pediu afastamento da D.E., entretanto, aceitou continuar como coordenador dos projetos de pesquisa do GEP junto ao IPEF e IF.

### J.M IND. E COM. DE MOLDADOS JM LTDA

- BICOS COM PONTAS DE METAL P/ APLICAÇÃO DA PASTA ESTIMULANTE
- ASTES PLÁSTICAS P/ FIXAÇÃO DE SAQUINHOS

OBS.: SOB SOLICITAÇÃO FORNECEREMOS AMOSTRA

RUA TAPAIUNA, 342 S.PAULO-SP ☎ (11) 6727-3611 FAX (11) 6727-4534



### S.R. Embalagens Plásticas Ltda.

Sacos para Resinagem e para Tambores

- Custo-benefício comprovado, maior vida útil do saco, perdas menores e maior proteção ao produto coletado.
- Impressão com marca do cliente e data, permitindo controle de durabilidade e prevenção de desvios.
- Medidas / Aditivação Anti-UV Cor de impressão conforme a necessidade do cliente.

(17) 3321-2222

www.srembalagens.com.br

Av. Mario de Oliveira, nº 600 - Distrito Industrial II - Cep: 14781-150 - Barris - SP

CERTIFICADA  
**ISO**  
9001:2000

## O INVENTÁRIO FLORESTAL PODE AGREGAR VALOR

A prática do inventário florestal destina-se não apenas em quantificar a madeira existente em uma floresta, mas também qualificar esta madeira.

A execução de inventários visa agregar valor ao principal produto da área, a madeira. Isto é possível disponibilizando, além dos dados fornecidos habitualmente, informações que diferenciem os produtos desta floresta. Esta prática é conhecida como inventário qualitativo e deve conter informa-

ções como tipos de desbastes, épocas e condições das podas executadas, relação dos talhões a serem explorados e outras que mostrem a relação entre as práticas silviculturais adotadas e uma melhor qualidade no produto. Assim, estes parâmetros podem ser analisados de maneira a refletir o potencial das árvores em termos de qualidade e que são produzidas de acordo com objetivos pré-estabelecidos.

Visando um planejamento flo-

restal, o inventário contínuo é recomendado, uma vez que permite fazer avaliações periódicas das informações de maior interesse do talhão e elaborar modelos de previsão de crescimento. A área dos talhões deve sempre ser bem definida visando uma maior precisão.

O sistema de amostragem que será utilizado na coleta de informações deve permitir que os dados recolhidos possibilitem estimativas adequadas da população através de análises estatísticas.

As parcelas adotadas podem ser circulares, quadradas ou retangulares com tamanhos uniformes dentro de um mesmo estra-

ta florestal. O número de parcelas instaladas é determinado a partir de uma pré-amostragem, decisão esta que irá influenciar sobre a precisão dos resultados e nos custos do inventário.

Em campo, as informações coletadas são DAP, altura, falhas, árvores mortas, desbastadas, secas, etc. Com os valores de DAP e altura é possível calcular o volume das árvores e com isso extrapolar para o volume do talhão. Os resultados destes volumes possibilitam a elaboração de uma curva de produção e com isso pode-se determinar a idade de desbaste ou corte dos povoamentos.

\* Fonte: Kronka, F.J.N. "A Cultura do Pinus no Brasil"

## PREPARE-SE PARA PROVAR QUE O TRABALHO NÃO GEROU DOENÇA

Se você tem dado pouca importância aos exames de saúde dos empregados, uma mudança na legislação deve fazê-lo repensar. Até pouco tempo, o trabalhador com problema de saúde procurava o INSS para buscar um benefício e o médico baseava-se no exame que realizava para tomar sua decisão pela concessão ou pela negativa. Não se atinha muito ao ambiente de trabalho.

Mas a situação mudou, com a Lei nº 11.430/2006 e o Decreto nº 6.042, publicado no último dia 12 de fevereiro, o médico passou a confrontar dois indicativos, o Código Internacional de Doenças (CID) e a classificação da atividade da empresa, o CNAE. Se ele detectar que a doença alegada é comum naquele ambiente de trabalho (por exemplo, uma queixa de LER por um bancário), há a presunção de acidente de trabalho. É o nexo epidemiológico.

Com isso, fica com o empregador o ônus de contestar. E é isso que ele deve fazer se acredita que o trabalho não provocou a doença alegada, porque o reconhecimento do acidente de tra-

balho gera uma série de obrigações para a empresa. Ela terá de recolher o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) relativo ao período de afastamento, garantir a estabilidade de 12 meses (mesmo que a incapacidade para o trabalho tenha durado um dia) e ainda correr o risco de ter de indenizar o INSS pelo benefício que o órgão pagou ao trabalhador, se ficar provada sua culpa.

Por isso, há duas medidas a tomar, recomenda o especialista e professor de Direito, Wladimir Novaes Martinez: cumprir cada vez mais as normas regulamentadoras e adotar uma nova política de admissão, no limites da Portaria MTE 41/07. O empregador deve se preocupar em melhorar as condições de trabalho. Já o departamento de recursos humanos precisa aprimorar e detalhar os exames admissional, os seqüenciais e o demissional, para poder se defender de quem alega indevidamente acidente de trabalho. "Além disso, tem de fazer uma investigação social, que não ofenda os direitos individuais, para saber mais sobre seu futuro funcionário", orienta.

### EXPEDIENTE

**Publicação da ARESB - Associação dos Resinadores do Brasil**

**CONTATO** - Rua Rio de Janeiro, 1985 - CEP 18701-200 - Avaré/SP - Brasil  
Fone/Fax: 0xx14 3732-3353 - E-mail: aresb@aresb.com.br - www.aresb.com.br

#### Presidente

Oswaldo de Souza Lima  
oslima@aresb.com.br

#### Vice-Presidente

Antonio Guedes B. Campos

#### Diretor Executivo

Eduardo M. Fagundes  
Eduardo@aresb.com.br

#### 1º Secretário

Paulo da Cunha Ribeiro

#### Secretária Administrativa

Bárbara Santana  
barbara@aresb.com.br

#### 2º Secretário

Silvano da Cunha Ribeiro

#### 1º Tesoureiro

Nercilio Justino Rodrigues

#### 2º Tesoureiro

Benedito Nunes de Almeida

#### Diagramação - Givanildo Pereira

Fone (14) 9790-6757- 3733-2802

#### Tiragem - 450 exemplares

**Distribuição gratuita**

## ECONOMIA

### VALORES MÉDIO DE MERCADO

Nº PRODUTOS	UNIDADE	VALOR R\$
1 ÁCIDO SULFÚRICO 98%	KG.	R\$ 1,40
2 ALMOTOLIA 500 ml	UNID.	R\$ 1,40
3 ARAME 14 GALV	KG.	R\$ 5,75
4 ARAME 20 GALV	KG.	R\$ 7,80
5 ARAME 22 GALV.	KG.	R\$ 7,90
6 AVENTAL DE FRENTE SEGURANÇA	UNID.	R\$ 13,18
7 BICOS DE AÇO P/ALMOTOLIA	UNID.	R\$ 2,50
8 BOTA DE BORRACHA	PAR	R\$ 25,00
9 BOTUÃO TÉRMICO	UNID.	R\$ 15,00
10 BOTINA DE SEGURANÇA C/BICO DE FERRO	PAR	R\$ 42,00
11 CAPA DE CHUVA COM CAPUZ	UNID.	R\$ 21,00
12 COLETA	TON.	R\$ 5,06
13 CONFECÇÃO DE SAQUINHOS	MIL.	R\$ 11,00
14 ESTRIA RETA	MIL.	R\$ 11,40
15 ESTRIA V	MIL.	R\$ 12,33
16 ESTRIADOR	UNID.	R\$ 1,70
17 ESTRIADOR DE BICO	UNID.	R\$ 2,25
18 FARELO DE ARROZ	TON.	R\$ 500,00
19 GRAMPOS	CX.	R\$ 6,50
20 INSTALAÇÃO DE ÁRVORE COMPLETA	MIL.	R\$ 33,08
21 LIMA	UNID.	R\$ 9,40
22 LUVAS DE RASPA	PAR	R\$ 7,00
23 MARMITA TÉRMICA REDONDA	UNID.	R\$ 8,90
24 ÓCULOS DE SEGURANÇA	UNID.	R\$ 8,00
25 PASTA ESTIMULANTE 24% C/ETHREL	KG.	R\$ 2,50
26 PASTA ESTIMULANTE 24% S/ETHREL	KG.	R\$ 1,00
27 PERNEIRA EM COURO SINTÉTICO	PAR	R\$ 10,50
28 RASPA DE TRONCO	MIL.	R\$ 25,97
29 RASPADORES	UNID.	R\$ 6,00
30 RESINA ELLIOTTII FOB/SP MAIO/2007	TON.	R\$ 1.142,87
31 RESINA TROPICAL FOB/SP MAIO/2007	TON.	R\$ 1.027,06
32 SACÃO PLÁSTICO 100x1,50x0,18	MIL.	R\$ 1.755,00
33 SAQUINHOS 35x25x0,20	MIL.	R\$ 107,50
34 TRANSPORTE ( até 50 km)	TN/KM	R\$ 26,00
35 TRANSPORTE (de 51 à 150 km)	TN/KM	R\$ 34,00
36 TRANSPORTE (de 151 à 250 km)	TN/KM	R\$ 48,00
37 TRANSPORTE (de 251 a 1000 Km)	R\$/KM	R\$ 2,06
38 TRANSPORTE (de 1001 a 1500 Km)	R\$/KM	R\$ 1,95

## Embalagens Plásticas



-Sacos para coleta de resina fabricados em material virgem, impressos e com proteção UV "excelente resistência e durabilidade"

-Sacos para tambores em material virgem e reciclado, lisos e impressos.

Zipax Indústria e Comércio de Embalagens Plásticas  
Rua das Cerejas, S/Nº - Jd. Resolva - CEP 13114-000 - Avaré/SP